



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE AGRONOMIA

WILLASON COELHO SILVA

CAMPONESES FRENTE AO AVANÇO DO AGRONEGOCIO EM TORNO DO
ASSENTAMENTO ONALÍCIO BARROS – CASEARA - TO

PONTÃO - RS

2018

WILLASON COELHO SILVA

**CAMPONESES FRENTE AO AVANÇO DO AGRONEGOCIO EM TORNO DO
ASSENTAMENTO ONALÍCIO BARROS – CASEARA - TO**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Agronomia da Universidade Federal
da Fronteira Sul, como requisito para obtenção
do grau de bacharel em Agronomia.**

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Pereira de Mello

PONTÃO-RS

2018

CIP – Catalogação na Publicação

Silva, Willason Coelho

Camponeses frente ao avanço do agronegócio em torno do
Assentamento Onalício Barros –Caseara - TO / Willason Coelho
Silva. – 2018. 55 f.

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Pereira de Mello.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade
Federal da Fronteira Sul, curso de Agronomia - Erechim, RS, 2018.

1. Agricultura camponesa. 2. Monocultura 3. Assentamento
- Tocantins. 4. Monocultivo da soja. 5. Monocultivo do milho.
I. Mello, Ulisses Pereira de, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

WILLASON COELHO SILVA

**“CAMPONESES FRENTE AO AVANÇO DO AGRONOGÓCIO ENTORNO
DO ASSENTAMENTO ONALICIO BARROS – CASEARA – TO”**

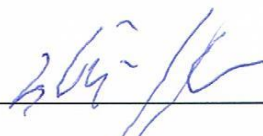
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Pereira de Mello


Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

20 / 11 / 2018

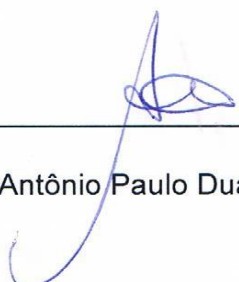
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ulisses Pereira de Mello – UFFS



Prof. Jacir João Chies



Prof. M. Antônio Paulo Duarte Gomes de Freitas

Dedico esse trabalho à todas famílias que se disponibilizaram a contribuir para realização do projeto de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso. Dedico também esse trabalho à toda minha família. E em especial, dedico às pessoas de Cícero Moreira da Silva, Renata de Jesus Abreu e Luís Carlos Moreira da Silva, que foram os principais agentes para a minha persistência no curso.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço a Deus por iluminar meu caminho em todos os momentos de minha vida e por me conceder a chegar até a conclusão desse curso.

Ao companheiro Prof. Dr. Ulisses Pereira de Mello meu orientador na elaboração do TCC.

Agradeço também toda minha família que esteve sempre presente incentivando-me, para que eu pudesse superar a todas as dificuldades e limites encontrados ao longo dessa vida para garanti-me bons estudos e uma educação de qualidade.

Agradeço as famílias do Assentamento Onalício Barros por disponibilizar um pouco do seu tempo para que eu pudesse obter alguns dados que serviram como conteúdo deste trabalho.

Quero agradecer a ao meu tio Carlos André que disponibilizou seu computador para que eu digitasse este trabalho.

Agradeço aos educadores e educadoras que contribuíram durante esses cinco anos para o fortalecimento qualitativo técnico dos educandos/as.

Agradeço aos colegas de quarto durante esses tempos que estivemos juntos estudando, nos momentos de alegria e sofrimento as pessoas de Junior Chaves, Jonas Peres, Gabriel Briguett e Douglas K. de Lima, vou sempre me lembrar de vocês velhos amigos.

Agradeço em especial ao meu tio Luís Carlos que como um pai, estando sempre presente contribuindo, mesmo em dificuldades financeira, ou incentivando-me, para que permanecesse focado no curso, tornando-se uma das pessoas mais importante para que eu chegasse até esta etapa do curso.

RESUMO

O monocultivo da soja destinado para exportação, também conhecido como agronegócio, nos últimos cinco anos, vem se expandindo de uma forma considerável, no município de Caseara- Tocantins. Assim, o principal objetivo deste trabalho parte em especial da preocupação das famílias do assentamento Onalício Barros, mediante ao rápido avanço das lavouras de monocultura, que provocam não somente destruição do meio ambiente por meio do desmatamento, que por si, destrói uma gama de vegetação, sendo expressado em milhares de hectares, que afetam a fauna e a flora. Além disso, milhares de litros de agrotóxicos são aplicados todos os anos nas lavouras de monocultivo. Neste sentido, a pesquisa buscou estudar a agricultura camponesa e o modo de vida das famílias do assentamento Onalício Barros, as consequências do avanço das grandes lavouras instaladas às margens do assentamento nesse modo de vida e produção dos camponeses do assentamento. Além da influência da monocultura e modelo de produção do agronegócio na motivação dessas famílias. O assentamento possui 130 famílias, sendo que foi estudado um grupo de 13 famílias. Os resultados deste trabalho foram que para os camponeses, mesmo aqueles desmotivados, a produção de alimentos tem suma importância em suas vidas, do ponto de vista da alimentação saudável e construção de relações humanas dentro e fora do assentamento. Portanto, a monocultura representa uma destruição do meio ambiente, contrapõe todas as relações do homem e a natureza e do homem com a sociedade. Na percepção dos entrevistados, a monocultura de forma geral representa a destruição.

Palavras Chaves: agricultura camponesa, monocultura, assentamento.

Resumen

El monocultivo de la soja destinado a la exportación, también conocido como agronegocio, en los últimos cinco años, se está expandiendo de una forma considerable, en el municipio de Caseara-Tocantins. Así, el principal objetivo de este trabajo parte en especial de la preocupación de las familias del asentamiento Onalício Barros, mediante el rápido avance de las labranzas de monocultura, que provocan no sólo destrucción del medio ambiente por medio de la deforestación, que por sí, destruye una gama de vegetación, siendo expresado en miles de hectáreas, que afectan la fauna y la flora. Además, miles de litros de agrotóxicos se aplican cada año en los cultivos de monocultivo. En este sentido, la investigación buscó estudiar la agricultura campesina y el modo de vida de las familias del asentamiento Onalício Barros, las consecuencias del avance de las grandes labranzas instaladas a las márgenes del asentamiento en ese modo de vida y producción de los campesinos del asentamiento. Además, de la influencia del monocultivo y modelo de producción del agronegocio en la motivación de esas familias. El asentamiento tiene 130 familias, siendo que se ha estudiado un grupo de 13 familias. Los resultados de este trabajo fueron que para los campesinos incluso aquellos desmotivados, la producción tiene suma importancia en sus vidas, desde el punto de vista de la alimentación sana y la construcción de relaciones humanas dentro y fuera del asentamiento. Por lo tanto, el monocultivo representa una destrucción del medio ambiente, contrapone todas las relaciones del hombre y la naturaleza y del hombre con la sociedad. En la percepción de los entrevistados, el monocultivo de forma general representa la destrucción.

Palabras Claves: agricultura campesina, monocultura, asentamiento.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	JUSTIFICATIVA.....	12
1.2	OBJETIVOS.....	12
1.2.1	Objetivo geral.....	12
1.2.2	Objetivos específicos	13
2	MARCO TEÓRICO	14
2.1	AGRONEGÓCIO E MONOCULTURA.....	14
2.2	AGRICULTURA CAMPONESA	16
2.2.1	Assentamento como construção de vida.....	19
3	CONTEXTO HISTÓRICO DO LOCAL DE ESTUDO.....	21
3.2	MUNICÍPIO DE CASEARA – TOCANTINS.....	21
3.3	HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO	24
4	METODOLOGIA	28
4.2	ESCOLHA DAS FAMÍLIAS.....	28
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	31
5.1	A IMPORTÂNCIA DA AGRICULTURA CAMPONESA PARA OS AGRICULTORES DO ASSENTAMENTO ONALÍCIO BARROS.....	33
5.2	MONOCULTURA NO ENTORNO DO ASSENTAMENTO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	39
5.3	ATIVIDADES QUE COOPERAM PARA IMPORTANCIA DA AGRICULTURA CAMPONESA	45
5.3.1	Mutirões	45
5.3.2	Troca de serviço entre vizinhos.....	47
5.3.3	Grupo de horta comunitária	49
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
	REFERÊNCIAS.....	53

APÊNDICE	56
----------------	----

1 INTRODUÇÃO

O rápido avanço das grandes lavouras de monocultivo na região de Caseara-TO, vem afetando os agricultores camponeses dos assentamentos desta região, mas aqui, será abordado em especial o assentamento Onalício Barros, que está localizado entre duas fazendas de monocultura do município, “Fazenda Bacaba e Vale Verde”. A cada ano, a agricultura familiar e camponesa vem sendo abalada pelo modelo de produção das grandes lavouras, que se instalaram na região com o avanço do agronegócio, observando-se uma redução exorbitante no número de pequenas propriedades na região.

São camponeses que estão vinculados ao seu modo de produção, conhecimentos empíricos, costumes, cultura e suas relações sociais. Estas relações estão ameaçadas por um modelo no qual presa pelo lucro em grande escala de produção, onde a relação social é vertical, de patrão e empregado.

Os agricultores do assentamento afirmam, que seis anos atrás não tinham se deparado com um modelo de agricultura que é baseada apenas no monocultivo. As áreas circunvizinhas do assentamento eram áreas que predominavam a pecuária, esta, tinha pequeno impacto ambiental comparado ao desmatamento causado pelo modelo de agricultura atual. Esse monocultivo vem causando ao longo destes poucos anos um grande impacto, tanto ambiental como social para esses pequenos agricultores da região.

Tornou-se necessário estudar como estas famílias se sentiam com o avanço considerável deste modelo de agricultura. Sabendo que a agricultura camponesa é vista como um atraso ao desenvolvimento agrícola no ponto de vista do agronegócio, a partir do momento em que não se enquadra ao seu modelo de produção. No momento em que qualquer tipo de agricultura se adequa aos pacotes do agronegócio, estas perdem seus princípios e cultura, tornando-se mais uma ferramenta de produção do agronegócio.

Neste sentido, a percepção dos assentados aponta o porquê a agricultura camponesa tem suma importância em seu modo de vida e como este modelo de produção está sendo afetado pela monocultura da soja e milho. Estes, são elementos

que chamam atenção para uma realidade que pode estar escancarada em diferentes lugares do país.

1.1 JUSTIFICATIVA

O modelo de produção agroexportador implica na desvalorização dos conhecimentos da agricultura camponesa, pois está se baseia no saber popular e práticas que vem sendo cuidadosamente aprimoradas por gerações. Sabemos que a agricultura camponesa está vinculada ao seu modo de viver característico, e seus produtos são de grande importância para o mercado de comercialização de alimentos no nível local e nacional. Neste sentido, a agricultura camponesa não somente se torna importante por estar vinculada às relações sociais, mas também por evitar a grande devastação da natureza que não é levada em conta quando se refere à monocultura da soja e milho, modelo agroexportador. Por sua vez, se faz necessário estudar a rápida expansão das grandes lavouras de monocultura na perspectiva de observar como estas interferem na vida dos agricultores camponeses; nas suas propriedades e possíveis problemas que podem influenciar na perspectiva de futuro destes agricultores. Esta é uma preocupação dos assentamentos da região do município de Caseara-TO. No Assentamento Onalício Barros, local de estudo, as famílias demonstraram a preocupação com rápido avanço das grandes lavouras de monocultura e avaliaram como estas podem ser afetadas por esse modelo de produção.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Verificar os impactos sociais e ambientais do avanço da monocultura da soja e milho no modo de vida dos camponeses do assentamento Onalício Barros.

1.2.2 Objetivos específicos

- Pesquisar a agricultura camponesa e o modo de vida das famílias do assentamento Onalício Barros.
- Estudar as consequências do avanço das grandes lavouras instaladas às margens do assentamento no modo de vida e produção dos camponeses do assentamento.
- Estudar a influência da monocultura e modelo de produção do agronegócio na motivação das famílias de camponeses no assentamento Onalício Barros.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 AGRONEGÓCIO E MONOCULTURA

O Agronegócio, como modelo mais criticado pela forma de desenvolvimento no meio agrícola, é recente, sendo um modelo que em comparação aos diversos modelos lapidados ao longo da história da agricultura. Este modelo é vinculado aos interesses do lucro do grande capital.

O termo foi criado na forma como se apresenta nas relações econômicas ligadas ao comércio, financeiro e no meio tecnológico, “entre o setor agropecuário e aqueles situados na esfera industrial (tanto de produtos destinados à agricultura quanto de processamento daqueles com origem no setor), comercial e de serviço”. (LEITE; MEDEIROS, 2012, p. 79). No modo de produção do agronegócio, predomina grandes lavouras e seus produtos, que estão ligados à grande produção de mercadorias em alta escala, estando principalmente ligado ao monocultivo, num modo de produção capitalista. Para os interesses do agronegócio em seu sistema de produção, sua preocupação de forma alguma está ligada à produção de alimentos, nem tão pouco ligada às demandas que circundam às necessidades de abastecimentos a nível nacional ou local, neste sentido, os valores econômicos se colocam antes a produção de alimentos as populações (CONTI; PERALTA, 2008).

O agronegócio, como modelo agrícola predominante hoje no Brasil, tem como base técnico-científica a chamada Revolução verde, que no final do ano de 1940 tendo como proposta o processo de modernização do meio agrícola para maximizar a produção, e por fim, a fome tornou-se um meio do capitalismo se instalar no campo e tornado o campo uma fonte de produção e maximização do capital (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014). Num sistema intensivo, a diversidade tem dado lugar a imensas lavouras e homogeneidade, ocorrendo uma transformação radical (MONTEIROS, 2012). No meio rural, onde estas lavouras de monocultura estão instaladas, cria uma interdependência contínua destes pacotes, alimentando multinacionais que são as principais portadoras do capital gerado neste processo, tornando-as controladoras da produção, “com a expansão das multinacionais no controle da produção e do comércio

de sementes, e quem controla as sementes controla todo o sistema alimentar e, conseqüentemente, o sistema político”. (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014, p.59).

A monocultura, principalmente de soja, iniciou seu ciclo no Brasil com a “Revolução Verde”, nos anos 60, com apoio da pesquisa, crédito, extensão e a difusão de modernos sistemas de produção agrícola com pacotes tecnológicos, que visavam à maximização dos rendimentos dos cultivos. A proposta era de elevar ao máximo a capacidade potencial dos cultivos, a fim de gerar as condições ideais combatendo os predadores naturais através da aplicação de agrotóxicos, utilizando sementes de alto potencial produtivo e nutrindo grandes lavouras com fertilização sintética (MATOS, 2010).

Para as relações do agronegócio, pode-se indagar que entre outra lógica este se expande, mediada por uma relação indireta entre a terra e o proprietário, com predominância do trabalho assalariado e grande característica do seu modelo de produção com intensiva mecanização, grandes quantidades de insumos tóxicos e a utilização de sementes modificadas geneticamente (CONTI; PERALTA, 2008). Segundo Monteiro (2012, p. 67), é perceptível, que a cada ano, a expansão do monocultivo e devastação do meio ambiente no Brasil:

O avanço do agronegócio no Brasil se fez com a substituição de ecossistemas naturais por monocultivos e com a expulsão de populações tradicionais dos territórios, causando grande destruição de agroecossistemas diversificados, construídos ao longo de séculos por essas populações.

Neste sentido, ocorre uma concentração de terras, milhões de trabalhadores que possuindo apenas um pequeno pedaço de terra e sendo limitado para produzir o necessário para a sua sobrevivência, e mesmo assim, não deixam de trabalhar, enquanto grandes produtores acumulam milhares de hectares para uma produção que visa somente o lucro de grandes empresas de agroquímicos, sendo tudo controlado por terceiros, pode se dizer que muitos somente visitam suas grandes propriedades periodicamente. “Por essas razões podemos entender que enquanto uma propriedade familiar de 15 hectares gera 4 empregos, a cada 185 hectares de eucalipto plantados pelo agronegócio geram 1 emprego”. (CONTI; PERALTA, 2008, p. 28). “As relações sociais são de exploração e alienação dos trabalhadores rurais, que passam a ser

vistos como operários de uma indústria, e não como agricultores”. (MONTEIRO, 2012, p. 67).

Por estar inteiramente ligado a modo de produção exportador, o agronegócio, é a lógica de modernização da agricultura implantada na sociedade. É nítida a distinção entre o modelo de produção agricultura do agronegócio e agricultura camponesa. Para OLIVEIRA (2009) apud Bispo e Oliveira (2016, p. 32):

O monocultivo de exportação até então tratado como agribusiness, ganhou sua expressão na língua portuguesa: agronegócio. Como sempre insistiu Carlos Walter Porto Gonçalves, tratava-se de substituir e diferenciar a agricultura do agro-negócio. Ou por outras palavras, tratava-se de distinguir entre a atividade econômica milenar de produção dos alimentos necessários e fundamentais à existência da humanidade, e, a atividade econômica da produção de commodities (mercadorias) para o mercado mundial. Definia-se assim, na prática da produção econômica, uma distinção importante entre a agricultura tipicamente capitalista e a agricultura camponesa [e familiar].

A superconcentração de terras vem ocorrendo também na pecuária, chamada de pecuária intensiva, são hectares e hectares de matas desmatadas para a implantação de pastagens na criação de bovinos, essas ações catastróficas geram impactos no país, “[...] expansão ilimitada [...] sobretudo para algumas regiões como a Amazônia, que sofre a pressão constante do avanço do desmatamento predatório para a expansão do gado [...]”.(CONTI; PERALTA, 2008, p. 32). Por consequência desta destruição do meio ambiente de para Machado e Machado Filho (2014, p. 73), tem ocorrido o mesmo na produção vegetal, o caso do monocultivo de soja e de milho tem sido o exemplo mais comum, que o vasta destruição e miséria deste sistema de produção tem sido desconsiderado, porque os interesses e visão do governo estar apenas ligado a ficção dos ganhos deste sistema de produção com as exportação.

Este modelo agroexportador não respeita biomas, ou seja, o avanço do monocultivo é preocupante, e se alastra por diferentes regiões do país, assim meio ambiente diversificado dão lugar a paisagens homogêneas. “O modelo agroexportador é responsável por pela destruição de mais 50% do cerrado e ocupa 10 milhões de hectares em plantio de soja e cana”. (CONTI; PERALTA, 2008, p. 32).

2.2 AGRICULTURA CAMPONESA

Para Görge (2017, p. 445) o campesinato ultrapassa as características econômicas, ele não representa somente um modo de produção agrícola que contrapõe a forma de produção do capitalismo. Ele expressa diferentes tipos culturais que vai diferenciar entre regiões, e em sua base vai influenciar diversos tipos de interesses entre eles: políticos, econômicos e sociais, que em sua essência unifica os camponeses e camponesas em uma classe de sujeitos políticos importantes que contrapõe todos os interesses da classe dominante. E afirma que “o camponês é um sujeito social e político”. Para Carvalho e Costa (2012, p.113) o campesinato é um determinado território em que à existência de um conjunto de famílias. Neste território vai ocorrer diversas relações que se vinculam aos apegos culturais (formas de interações entre as famílias de trocas que envolve sementes, conhecimento), e as relações com os recursos disponíveis da natureza (as diversas maneiras da qual, o camponeses e camponesas lidam com as sementes, as plantas, os animais e tudo o que envolve a produção).

Seguindo estes raciocínios os camponeses e camponesas são um dos principais atores importantes para a permanência de uma produção limpa e de qualidade, tendo um papel importante na preservação dos conhecimentos populares, assim como também se tornam um dos guardiões de sementes mantendo estas com suas características originais, para melhor explicar: essas plantas não são contaminadas com plantas transgênicas por meio da polinização. Alimentos saudáveis propicia uma saúde saudável seja em humanos ou animais. De acordo com Görge (2017, p. 93) “Já existem estudos e pesquisas ligando o aumento de alergias, resistentes a antibióticos e aumento de substâncias tóxicas no organismo humano com o consumo de alimentos transgênicos”.

A forma como os camponeses e camponesas utilizam e aplicam os conhecimentos tradicionais na sua realidade para a obtenção de uma qualidade de vida saudável está diretamente ligado ao seu modo de produção que vai além de uma produção limpa, pois ela envolve uma gama de relações do ser Humano com natureza, que está implicada desde o preparo da terra até a colheita, modo de produção esse, que não está incluso nos interesses do modelo capitalista por não exigir um pacote de insumos produzido por empresas multinacionais.”[...] Uma lógica que lhe é própria na maneira de produzir e de viver, uma lógica distinta e contrário à dominante”.(CARVALHO; COSTA, 2012, p. 29).

A produção rural é um modo de resolver seus problemas, praticado de tal forma que não há uma diferença de quem decide a produção, quem trabalha para obtê-la e que se apropria do que é gerado por meio dela, deste modo, os camponeses e camponesas são donos do produto gerado a partir do seu suor o que difere totalmente do modo de produção capitalista. Neste sentido Carvalho e Costa (2012, p.26) afirmam que:

Famílias deste tipo, com estas características, nos seus distintos modos de existência no decorrer da história da formação social brasileira, teceram um modo econômico, social, político e cultural que se produz, reproduz e afirma na sua relação com outros agentes sociais. Estabeleceram uma especificidade que lhes é própria, seja ao modo de produzir e a vida comunitária, seja na forma de convivência com a natureza.

A agricultura camponesa está ligada a forma como o agricultor trabalha, a relação com família, com a terra e seus meios de produção que estar implicitamente ligado a criatividade e estratégias de produzir e se mobilizar perante as dificuldades da realidade cotidiana e da modernização agrícola, que vem provocando grandes impactos nesse modo de viver. Para diferenciar a agricultura camponesa do modo de produção capitalista Görgen (2017, p. 39) destaca 6 características:

- Pequenas áreas de terra;
- Produção de subsistência, para o autoconsumo familiar;
- Produção diversificada, policultivos, grande variedade de culturas agrícolas e grande criação de animais(pecuária);
- Trabalho familiar, utilização de mão de obra própria, autonomia da força de trabalho;
- Controle da tecnologia utilizada, desde a seleção e conservação da sementes e mudas, o conhecimento dos ciclos agrícolas, o controle das doenças, as aptidões do solo, as especificidades da natureza e dos microclimas, tecnologias industriais caseira ou comunitária dos embutidos às farinhas, construção dos próprios equipamentos, domínios de conhecimentos em técnicas de construção de casas, pontes, galpões pinguelas, tudo simples, mas eficaz e com o controle dos próprios camponeses.

As relações do trabalho das famílias, no modo de vida camponesa, são essenciais, pois há uma relação entre a família, o trabalho desenvolvido e a terra, respeitando sempre os conhecimentos populares e a natureza, relações essa, que não se encontram em um modo de produção capitalista.

A revolução verde trouxe grandes consequências com o seu modo de produção, e os seus efeitos foram enormes na produção agrícola do Brasil, quem mais foi

impactado com este modelo de produção foram os camponeses, na maioria dos Estados do Brasil nas propriedades de latifúndios se firmaram grandes e diversas lavouras de monoculturas. “As cidades incharam com o brutal êxodo rural que se produziu, aumentando a problemática social do país”. (GÖGEN, 2017, p. 65). Os camponeses e camponesas com o seu modo de produção e suas relações, representam cada vez mais resistência ao modelo que ainda se instala no campo. “A resistência se encontra igualmente na criação de novas unidades de produção e de consumo e campos que deveriam manter-se improdutivos ou ser usada para a produção de culturas de exportação em grande escala”. (PLOEG, 2008, p. 289).

2.2.1 Assentamento como construção de vida

Neste trabalho, num contexto do modo de produção da agricultura camponesa, busca-se referenciar o assentamento como espaço de construção e troca de experiência, onde famílias trabalham para a construção de uma soberania alimentar. Para referenciar o esforço de famílias que passam anos debaixo de lonas a beira das estradas com o objetivo de conquistar uma terra para nela trabalhar, se auto organizar socialmente, politicamente e economicamente. Martins (2017, p. 96 - 97) salienta que o assentamento:

[...] ao simbolizar para a sociedade que aquela fazenda tem agora uma nova organização, não mais controlada por latifundiário, mas por dezenas de famílias camponesas que acessaram a terra através da luta pela sua democratização, que lhes deu trabalho e vida, onde o trabalho assalariado e sua exploração foram eliminados. Em seu lugar foi colocado o trabalho familiar, onde prevalece a produção diversificada e não mais a monocultura.

O assentamento tem um papel importante no desenvolvimento da economia a partir do momento que a produção é introduzida nos meios de comercialização, seja local e ou regional. Para compreendermos melhor, de acordo com Santos e Krajevski (2018, p. 43), o assentamento para economia local, uma importantíssima atuação sendo um potencial na criação de “efeitos multiplicadores”. Dentre estes efeitos se apresenta a diversidade da produção agrícola, também a geração de atividades mais

lucrativas englobada a estes as mudanças tecnológicas, e estes são aspectos que contribuem para elevação da renda dos assentados.

Assim, o assentamento possibilita a uma fazenda antes improdutiva, a sociedade que ali agora vive, criar um conjunto diversificado de produção, seja a produção agrícola ou pecuária. Além de ser um espaço onde a gestão da produção estar ligado aos meios organizativos, que permite a organização da econômica. “Considerando os impactos econômicos positivos resultados dos assentamentos, existe a criação direta e indireta de empregos, o aumento da oferta de alimentos e matérias primas para o mercado interno [...]”. (SPAROVEK, 2003 apud SANTOS; KRAJEVSKI, 2018 p. 43 a 44).

No assentamento é visível o modo de produção da agricultura camponesa, em que além da produção estar ligada ao modo de vida dos assentados, em uma relação harmoniosa com a natureza, de forma que o meio ambiente é respeitado, e nem por isso o modo de produção destas famílias é prejudicado. Ao contrário o agronegócio e o avanço contínuo das grandes monoculturas, carregam consigo ações desumanas que interferem no meio ambiente e por consequência no modo de produção das famílias, sendo assim, torna-se uma possibilidade esse modelo impactar na permanência do assentamento.

É neste sentido, que abordaremos o modo como trabalhada a agricultura camponesa e sua importância para as famílias do Assentamento Onalício Barros, modo de agricultura essa, que estar completamente diferenciada do modo de produção devastador e interesseiro do agronegócio. De acordo com Conti e Peralta (2008):

O desenvolvimento histórico da agricultura brasileira obedece basicamente a dois modelos estruturalmente distintos. Por um lado, a agricultura Familiar e camponesa privilegia a qualidade de vida, a soberania alimentar, a geração de emprego, a produção em escala familiar que abastece o mercado interno e é ambientalmente sustentável. Por outro lado, o agronegócio, baseado na monocultura, na concentração da e na acumulação de capital, uso intensivo de agrotóxicos e de sementes geneticamente modificadas, na destruição ambiental [...]. (Conti e Peralta, 2008, p. 23).

Seguindo o raciocínio do Conti e Peralta e utilizado em sua obra a forma como é utilizado o termo agricultura camponesa e familiar, se referênciamos por ser os dois

modos de agricultura análogas, que contesta o modo de agricultura praticada pelo agronegócio.

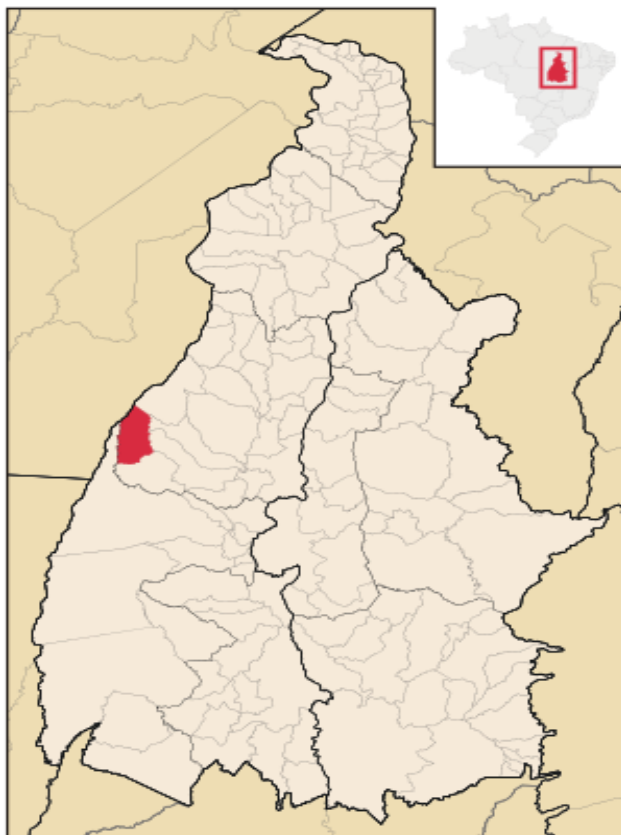
3 CONTEXTO HISTÓRICO DO LOCAL DE ESTUDO

Neste capítulo será Abordado de forma breve como se deu a criação do assentamento Onalício Barros. Por meio de alguns acontecimentos neste processo histórico de luta pela terra, em que foi criado o assentamento, área onde foi realizada a pesquisa.

3.2 MUNICÍPIO DE CASEARA – TOCANTINS

Segundo dados do IBGE (2017), o município de Caseara, se encontra localizado na Mesorregião Ocidental do Tocantins, e estar integrando a 8ª Região Administrativa do Estado. como pode ser observado na figura 1. Estando a uma altitude de 174 metros, com latitude 09°16'42" sul e uma longitude de 49°57'20" oeste. Possui uma área de 1698,7 km².

Figura 1– Localização do município de Caseara no Estado do Tocantins



Fonte: Adaptado do Google, 2018.

O município tem diversos lugares atrativos, como o Parque Estadual do Cantão, as praias do Sol, do Fogoió, Travessão e Paredão. Lago do Casé e Ilha do Coco. O município faz limites com cinco cidades do próprio estado e com o estado do Pará. Localizado ao Norte do município, o município de Araguacema do qual a cidade antes era distrito, ao Sul Marianópolis e Pium, ao Leste o município de Divinópolis do Tocantins e Abreulândia, e ao Oeste Pium e Estado do Pará (IBGE, 2017).

O município tem como Bioma característico o cerrado (ROCHA, 2018). O seu território possui uma ocupação com mais de 2 milhões de Km², que equivale à 23,92% do território nacional Brasileiro (MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE, 2015).

Segundo Maroulli (2003, p.16), o cerrado brasileiro tem o dobro da capacidade de produção de alimentos nas mesmas áreas. E isso, era possível com ocupações plenas, intensivas e racionais na região, com produção agrícola e pecuária, juntamente exercendo condições adequadas de insumos básicos, com mão-de-obra especializada e maquinários, bem como créditos e facilidades de armazenar e escoar

a produção. “Entretanto, sua utilização para este fim requer uma série de precauções e medidas que visem o seu desenvolvimento sustentável, sem esgotamento dos recursos naturais [...]”. (MAROUELLI, 2003, p. 46). Desde então o cerrado tem sido palco do desmatamento para fins agropecuário.

A partir da década de 1970, com a expansão das fronteiras agrícolas, ocorreu um grande impacto em uma parte da cobertura vegetal nativa em todas as regiões do país. Esse impacto se caracterizou pela substituição destas áreas nativas por áreas de grandes cultivos e pastagens. Tornando-se uma situação bastante preocupante, por existir todo ano no Brasil, uma perda da vegetação do Cerrado, áreas estas estimada em 9,75 milhões de hectares. Tornando-se palco deste cenário, os estados Tocantins, Bahia e Minas Gerais com destaque da região leste do Estado do Mato Grosso do Sul e partes do Estado de Goiás sofrendo as mesmas consequências. O cerrado nestes Estados até o período 2002, apresentado pelas grandes áreas de desmatamentos, com a estimativa de aproximadamente 55% de sua área original destruída (FINA; MONTEIRO, 2013). “Hoje, o bioma conserva apenas 20% de sua área total, passando por um grande processo de descaracterização, ou seja, ocupado por grandes pastagens de gado e extensas plantações de soja, algodão, cana, eucalipto”. (MAGALHÃES, 2018).

Segundo os dados do IBGE de 2010, as áreas plantadas ou destinada a colheita do município de Caseara – Tocantins, em 2010 a soja representava 38,83%, e o milho 5,18% do total geral. A única produção que competia com estas lavouras era a mandioca no mesmo período representado também 38,83%. Já no ano de 2016, nas áreas plantadas ou destinada a colheita da produção do total geral da produção do município, a soja chega a 73% e o milho a 23,6%, por consequência a produção de mandioca passa a representar 0,4% (IBGE, 2017).

Estes dados, nos demonstra como a produção vegetal de monocultivo tem crescido no município, e com este sistema de produção o desmatamento. O exemplo mais comum na região tem sido as áreas que antes eram destinadas a bovinocultura de corte, dão lugar ao monocultivo. Devido ao monocultivo em todo o país, entre outras, mas principalmente a cultura da soja e do milho e outras tem sido a destruição dos (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014). Implicando em grade utilização de mecanização intensiva o que diminui a mão de obra, juntamente com sementes

geneticamente modificadas que necessitam de grandes quantidades insumos tóxicos (CONTI; PERALTA, 2008).

3.3 HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO

Para a realização desta pesquisa alguns municípios como: Angico, Darcinópolis, localizados ao norte do estado e outros localizados mais ao Centro: Puguimil, Paraíso, Rio dos Bois, por último Caseara - TO, que fica a Oeste do estado, são protagonistas da história do assentamento Onalício Barros, pois são destes, as famílias batalhadoras que hoje constitui o assentamento.

A persistência por terra, para que as famílias pudessem trabalhar e assim construir uma vida mais digna, perante a um cenário de desemprego nestas regiões fez com que estas famílias se organizassem em acampamentos. “[...] os trabalhos de base, se deu a partir do ano de 2003 quando um grupo de militantes do MST desceram para a região decididos a fazer trabalhos de conscientização do povo para se juntarem e formar acampamentos na região [...]” (SILVA, 2008, p.16).

Assim, se formam acampamentos as margens das rodovias dos municípios citados acima, abrigando centenas de famílias. desses quatro municípios chegou num “[...] total de 720 famílias acampadas as margens de rodovias estadual e federal, para a busca da conquista de um pedaço de terra para poder produzir e melhorar a qualidade de vida das famílias”. (SILVA, 2008, p.16).

No ano de 2006 surge uma oportunidade, para famílias que persistiram nos acampamentos. Segundo Silva (2008, p.26) para que tornasse oficial o acampamento no município de caseara, ocorre uma reunião juntamente com os órgãos municipais que confirmam apoio ao acampamento criado a 12 km da cidade as margens da BR TO-080. O acampamento foi denominado Zumbi dos Palmares, nome dado em homenagem a um lutador e líder dos quilombolas. O acampamento foi formado por 85 famílias, que permaneceram as margens de rodovia, pois, a coragem destas partiu também da necessidade e perseverança por um pedaço de terra. Alguns meses depois as famílias que se encontram ao norte e centro do estado se juntam as famílias do acampamento Zumbi (ENTREVISTADO A, 2018).

A partir do momento em que uma terra é conquistada, as famílias percebem que sua luta e persistência não foram em vão. Este momento tão sonhado chega às famílias do acampamento. Conhecida como Fazenda Maracanã tornou-se o assentamento Onalício Barros. Em um primeiro momento ainda não tinha ocorrido a divisão oficial dos lotes de terras, então cada família ganhou um lote de 2500 m², para nela produzir gerando assim, um assentamento emergencial. O assentamento emergencial era somente para que as famílias se acomodassem enquanto ocorresse a divisão definitiva do assentamento (Silva, 2008).

Então, para que o trabalho continuasse de forma organizada, as famílias foram divididas em três núcleos: Zumbi, Boa esperança e Puguimil. Desta forma, foi possível uma comunicação e trabalhos mais organizados no assentamento.

Hoje, o assentamento Onalício Barros é composto por 130 famílias, estas famílias estão distribuídas em três vicinais do assentamento, que a produção estar distribuída nos diferentes modos de fazer agricultura, por mais que seja diversificada os tipos de produção do assentamento não ocorrem em nenhum lote que a produção é a base de intensa utilização de maquinários ou com monocultivo, ou uso de químicos.

A criação de aves como: a galinha da angola, peru, pato, galinha caipira e poedeira, que em algumas famílias são criadas e comercializadas sobre encomendas. Todas estas criações são basicamente alimentadas com produtos provenientes das lavouras destas famílias, que se engloba desde mandioca, milho, feijão, arroz, maxixe, abobora. Toda esta produção é realizada em seus próprios lotes com área em torno de 48ha. Claro que apenas uma parte desta área é utilizada para produção, outras partes se englobam em áreas de Área de Preservação Permanente (APP) e área comunitária com 10ha, totalizando a área do assentamento em 7.500 hectares. Cabe ressaltar que maior área destas terras são de pastagens devido a ser oriunda de antiga fazenda no qual as áreas eram destinadas a criação de bovinos.

O cenário que está presente na maioria dos lotes das famílias do assentamento é da criação de bovinos e suínos. Mas se destaca a criação de bovinos, por ser predominantes nos lotes áreas de pastagem desta forma a pecuária tem grande relevância. Por mais que em alguns casos ocorre a venda ou troca de animais a criação de bovinos está mais ligada a uma relação cultural ao invés de fins comerciais.

Assim o assentamento se tornou uma ilha diversificação considerável (com diferentes produções seja ela animal e vegetal) no meio de um mar de cultivo homogêneo (plantação de uma espécie apenas neste caso a monocultura de milho e monocultura de soja), destacado na (Figura 2).

Figura 2 – O assentamento Onalício Barros entre duas Fazendas de Monocultura



Fonte: Adaptado do Google Earth Pro, 2018.

Esse modo de vida, e de fazer agricultura está ameaçado pelo avanço das lavouras de monocultura, as fazendas que antes tinham criação intensiva de bovinos de corte, hoje se tornaram em desertos verde. A preocupação a respeito do monocultivo aos redores do assentamento, não se aplica por meio de que os agricultores camponeses e camponesas necessitam de adaptar-se com a situação ou aderir ao sistema trazendo para dentro do assentamento. Mas esta preocupação, estar relacionada a preservação dos conhecimentos tradicionais, e principalmente a possibilidades de interferência no meio ambiente que influencia qualidade do alimento e na vida dos destes camponeses e camponesas.

Preocupação estar que tem coerência quando uma vez que a biodiversidade removida e toda a fertilidade do que se é construída à milhares de anos é removida pela destruição com desmatamento ou pela aplicação de produtos químicos tóxicos. A destruído de toda a vida do solo, por meio da vegetação que influencia na diretamente na biota do solo, trata-se da vida ativa do solo, podendo ser muito sensível às ações antrópicas de manejo do solo, se tornando um alvo fácil ocasionado sua degradação e seu empobrecimento, principalmente pela falta de material orgânico. “Os organismos do solo que fazem parte do solo [...] precisam de MO no seu estado natural para viver”. (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014, P. 296). A perda da fertilidade e sementes geneticamente modificadas exigem grande quantidade de fertilizantes sintéticos, por consequência também a utilização de agrotóxicos devido as plantas não serem resistente as pragas e a destruição dos inimigos naturais destas, devido ao desmatamento e os agrotóxicos.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados os métodos utilizados para a realização do trabalho.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho se caracteriza como um estudo de caso, que consiste no estudo aprofundado do assunto obtendo-se de forma mais ampla o conhecimento. Utiliza uma metodologia exploratória, pois “[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema”. (GIL, 2002, p. 41). A pesquisa busca através da análise das diversas percepções provenientes do conjunto das famílias a compreensão dos problemas. Analisar juntamente com estas famílias a importância dos sistemas de produção camponeses em que elas vivem e possibilitam “[...] aumentar o conhecimento do pesquisador sobre os fatos, permitindo a formulação mais precisa de problemas, criar novas hipóteses e realizar novas pesquisas mais estruturadas”. (OLIVEIRA, 2014, p. 21).

Visa estudar a realidade dos agricultores diretamente no sentido de conhecer o modelo de agricultura e sua importância para o assentamento. Sendo possível observar a percepção destas famílias dentro do contexto do avanço desenfreado das lavouras de monocultura, desta forma a pesquisa tem sua natureza qualitativa. “A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação”. (GIL, 2002, p. 133).

4.2 ESCOLHA DAS FAMÍLIAS

O assentamento é dividido em três comunidades que são mais conhecidas como vicinais. São representadas por três principais estradas localizadas dentro do assentamento onde nas suas margens estão localizados os lotes das famílias do assentamento. Essas estradas são umas das poucas marcas deixadas da época da antiga fazenda desapropriada, e estão representadas de acordo com a Figura 3.

Das 130 famílias que compõem o assentamento, foram foco do estudo de caso 13 famílias, representando 10% do total.

Figura 3 – Vicinais do Assentamento Onalício Barros



Fonte: Adaptada do Google Earth, 2018.

Os critérios utilizados para a escolha dos participantes para o estudo foram:

- A escolha das famílias se deu de forma que abordasse indivíduos das três vicinais para possibilitar um resultado mais representativo de relatos, para se ter maior proximidade com a realidade destas famílias conforme o Quadro 1;
- Foram escolhidas famílias que estão incluídas no assentamento desde as lutas de formação dos acampamentos nas organizações das famílias que hoje constitui o assentamento;

c) Pessoas que hoje estão incluídas nas organizações do assentamento ou são referências no assentamento (por terem afinidades com todas as famílias do mesmo, como exemplo dono de bar);

d) Famílias que estão próximas às margens das grandes lavouras de monocultura;

A partir desses critérios foi elaborada uma lista de nomes e a escolha das 13 famílias se deu de forma aleatória, por sorteio. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semi-estruturada, a partir de um roteiro de questões básicas, mas foram contempladas também outras questões levantadas pelos entrevistados. As informações foram anotadas diretamente em caderno de campo, sem uso de gravador.

Foram realizadas entrevistas com apenas um representante de cada família. Das 13 entrevistas, sete foram representadas por homens; e as outras seis por mulheres, mostrando a sua importância na agricultura. Para a organização dos dados, os entrevistados foram nomeados com letras alfabéticas conforme o percorrer das entrevistas, seguindo a ordem numérica das vicinais de acordo com o Quadro 1.

Quadro 1 - Famílias entrevistadas por vicinal.

VICINAIS	FAMILIAS
1	FAMÍLIA (A), FAMÍLIA (B), FAMÍLIA (C), FAMÍLIA (D), FAMÍLIA (E)
2	FAMÍLIA (F), FAMÍLIA (G), FAMÍLIA (H)
3	FAMÍLIA (I), FAMÍLIA (J), FAMÍLIA (K), FAMÍLIA (L), FAMÍLIA (M)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Aqui será abordado um pouco da história das famílias, no intuito de indagar o porquê as famílias escolheram o assentamento como opção de moradia, não generalizando a importância dos assentamentos, pois hoje em várias partes do país temos exemplos de assentamentos como construção de soberania alimentar e social, no entanto, o assentamento representa uma conquista de luta para estas famílias.

Segundo Leite (2012, p. 108) ainda que nos dias atuais tenha ocorrido uma diminuição dos assentamentos devido as grandes concentrações de terras no país, o número crescente de assentamentos rurais não tem estagnado no tempo, assim admitindo que, a uma sensata continuidade para um número destes artifícios para famílias que anseiam por um futuro melhor, em que possam acessar a terra e dela se beneficiar, ocorrendo a possibilidade de obter meios de acesso a projetos destinados a agricultores camponeses.

São famílias que viviam de diárias (receber conforme os dias trabalhados), e empreitadas (receber uma quantidade pelo trabalho em área delimita, para melhor exemplo vamos fazer uma suposição de que um trabalhador roçaria meio hectare por R\$ 300,00 reais). Neste sentido, o que as pessoas ganhavam do trabalho pela mão de obra era somente o básico para a sobrevivência e muitos casos não era o suficiente.

Para todos entrevistados suas ligações com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), se deu a partir dos acampamentos formados as margens de rodovias, onde compareceram militantes do MST realizando capacitação e propostas organização para que o funcionamento dos acampamentos, para as famílias que ali estavam, unidas e de forma organizadas superassem as dificuldades de viver as margens das rodovias.

Pode-se observar a partir dos entrevistados seus contextos históricos, que o assentamento não representa meios fáceis de conquistar a terra, mais sim, uma luta que torna mais valorosa esta conquista, em que consequências negativas são tidas como ponto de partida à luta. Aqui as consequências negativas representam o êxodo rural causado pela concentração de famílias em condições degradantes nas periferias das cidades. “[...] estas consequências negativas acabam provocando a insatisfação de determinados setores da sociedade, possibilitando a formação de movimentos sociais que reivindicam o direito à terra.” (SANTOS; KRAJEVSKI, 2018 p. 41).

Sempre estive contato com a zona rural trabalhando de chacareiro trabalhando para o patrão na meia ou por salário, foi quando surgiu o acampamento e lá estava eu juntamente com outras famílias na esperança de conquistar um pedaço de terra, pois trabalhar sempre prestando serviço por uma quantidade insignificante de dinheiro que era aplicado na compra do básico, essa vida não nos servia pois neste caminho não tinha como dar um futuro melhor a meus filhos. Tornando-se o motivo central, para que hoje eu pudesse vim a morar em um assentamento, ter uma terra onde posso chamar de minha, trabalhar a hora que bem quiser, podem plantar sabendo que os produtos oriundos do meu trabalho vão ser desfrutados por minha família, e aqui nesta terra é onde está o futuro de meus filhos. (ENTREVISTADO A, 218).

Seguindo o pensamento do entrevistado A que representando os todos entrevistados, o cenário de lutar está presente nas histórias de vida de todos os entrevistados e das pessoas que constitui o assentamento, seja este proveniente de zona rural ou das crises das zonas urbanas.

O motivo para que eu pudesse vim parar em um assentamento creio que os demais companheiros do assentamento tem falado também, vim morar no assentamento devido uma época de crise de emprego na cidade, então se tornava cada vez mais difícil se manter na cidade, para uma pessoa que não tinha nem o ensino médio completo, conseguir encontrar emprego era difícil, e com quatro filhos pequenos para cuidar o marido com dificuldade de encontrar emprego também. Foi então, que por meio de militantes e pessoas conhecidas que eu tive o primeiro contato com o acampamento em 2006. Hoje tenho um filho com formação técnica por meio dos movimentos sociais, e minhas filhas estão concluindo o ensino médio, e tenho onde produzir e posso chamar de minha terra. (ENTREVISTADA B, 2018).

Hoje todos os participantes morando em suas propriedades podem construir uma vida digna, onde não tem mais o patrão dizendo o que deve ser feito, ou mesmo dimensionando a qualidade do seu trabalho com o fim de explorar ao máximo a força de trabalho.

Todos os moradores do assentamento têm seus próprios lotes, esta opção ocorreu por meio de uma assembleia juntamente com as lideranças e os agricultores entrou como principal a pauta daquela assembleia a forma de organização das famílias: moradias em agrovilas ou em lotes individuais, no qual todas as famílias tiveram direito a votação em que a maioria optou para que cada família pudesse morar em seus próprios lotes, por entender que essa escolha seria a melhor opção a todos. “A gente está cotidianamente perto das nossas lavouras e vendo elas crescer,

também é mais perto para ir da casa a lavoura, aqui eu posso trabalhar como quiser e sem patrão”. (ENTREVISTADOS (AS) A; B; C; D e E, 2018).

Coube aqui uma observação no assentamento Onalício Barros, a organização em prol da solidariedade na educação, vindo de indivíduos do assentamento, que contribuiu levando a alfabetização para os assentados, que tiveram uma alfabetização precária ou não tiveram algum contato com escolas, pois estes, vem de uma época em que a alfabetização era de difícil acesso, principalmente à população da zona rural. Esse e outros exemplos em que as formas de organização nos assentamentos possibilita uma vida digna e com viés meios acadêmicos, de ser analisadas por meio de trabalhos com o de Corrêa e Ferreira (2017, p. 734), que demonstra resultados positivos a educação nos assentamento tendo como resultado a inserção a universidade de filhos de assentados, como seu estudo realizado na cidade de Belém do Pará em área assentamento.

5.1 A IMPORTÂNCIA DA AGRICULTURA CAMPONESA PARA OS AGRICULTORES DO ASSENTAMENTO ONALÍCIO BARROS

Na produção camponesa, o produtor estar inteiramente ligado ao seu modo de produção, suas relações com o trabalho e a natureza é de uma afinidade em que os seus recursos são utilizados de forma que o agricultor camponês se beneficia sem agredir o meio ambiente, pelo contrário, contribui para sua preservação. Para Jahn e Conte (2015, p. 28), “[...] esse cuidado com a natureza é um enorme desafio, pois significa, no momento atual, negar a praticamente tudo que se aprendeu com a imposição da revolução verde e fazer agricultura ao revés”. Essa relação do humano/natureza influencia na diversidade, assim há uma quantidade de produtos provenientes dessa agricultura, que é de uma dimensão enorme de diversificação e de qualidade inquestionável, isso sem contar a produtividade.

A partir do Entrevistado A, pode-se observar o cuidado que os camponeses e camponesas tem ao trabalhar a terra e a forma como usam seus recursos sem necessidade métodos que provoquem agressões a mãe natureza:

Antes de morar no assentamento nem mesmo produção eu tinha, nem a diversidade de alimento que eu tenho hoje, tenho diferentes plantas: mandioca, feijão, abóbora, melancia; criação de porco e de gado. Hoje posso dizer que tenho diferentes tipos de alimento, agora tenho a terra, ela só não produz se não plantar, tem que saber cuidar da terra, essas lavouras aos redores do assentamento com plantio de soja e milho não pode chamar de alimento, são tudo levadas para o exterior o que fica é só o resto. (ENTREVISTADO C, 2018).

No assentamento Onalício Barros dificilmente vai ser encontrada propriedade que não tenha uma produção diversificada, seja em lavouras, hortas domésticas, pomares ou criações animais de pequeno porte. Como descreve a Entrevistada E, no seu lote se encontra uma grande diversidade, principalmente de criação animal, que a ela cuida para dar cria ou para engordar para gente comer.

Tenho criação de galinha, porco, patos, galinha da angola e codorna para consumo. Hoje você compra uma carne, por exemplo, você não sabe o que foi aplicado naquele animal contra qual doença, ou se ele foi bem-criado. (ENTREVISTADA B, 2018).

Os camponeses do assentamento têm como essencial a produção para o autoconsumo, assim, têm total autonomia para as tomadas de decisões da produção, o que vai ser uma das bases de organização destas famílias. Mesmo que “[...] integrada a lógica do capital, a família e o trabalho dela, permanecem resistindo e orientando as novas decisões que a família produtora de alimentos deverá tomar, e isso é originário da tradição camponesa”. (JAHN; CONTE 2015, p. 31). Assim, está vinculada à forma como cada integrante da família contribui para que estes processos de produção sejam possíveis. Como menciona o Entrevistado E (2018) em seu relato, cada pessoa da família tem suas atividades na unidade de produção, seja para organizar as coisas na casa, (associado mais ao trabalho doméstico) ou na produção da lavoura: “[...] enquanto um(a) vai trabalhando na lavoura o outro(a) fica alimentando os bichos, apesar de que um se envolve mais na área animal e outro na área vegetal”.(ENTREVISTADO C, 2018).

Além da diversidade de sementes utilizadas na produção dos alimentos, pode-se observar uma considerável produtividade, gerando alimentos que estão ligados às diversas formas que esses camponeses e camponesas organizam a forma de

produção, proporcionando o autoconsumo. Assim, pode-se perceber como exemplo o relatado pelo Entrevistado H:

Na minha propriedade com uma pequena área em torno de 1ha de terra foi plantado diferentes tipos de alimentos, como a abóbora, o feijão, milho, melancia, batata doce e quiabos que foram plantados nas beiradas da minha roça. Então como essa produção foi satisfatória, tenho doado muitas destas abóboras para vizinhos, e uma parte foi destinada aos animais. Com o feijão foram produzidos em torno um saco [60 kg], o milho se fosse quantificar daria em torno de uns quatro a três a quatro sacos, pois ele foi colhido aos poucos, primeiro verde para produção de pamonha e outras coisas, por ser crioulo o ponto de colheita não madura tudo, por isso é preciso e várias vezes para colher. (ENTREVISTADO H, 2018).

A diversificação da produção influencia muito na saúde destas famílias, o modo de produção e relações entre as mesmas estão inteiramente ligados.

Cabe aqui elencar a importância das mulheres nestes espaços, seja nos espaços da produção agrícola e pecuária ou das discussões políticas que vão direcionar as formas de organizações, que no assentamento se torna um ponto positivo, pois elas estão inseridas nas associações como tesoureiras, dirigentes do assentamento e coordenadoras de grupo religioso. Daron (2008, p. 226) coloca que “desde muito cedo, começam a trabalhar em casa, nas tarefas cotidianas, na roça e no cuidado com as plantas, horta e animais”. Segundo Jahn e Conte (2015, p. 37), “dados revelam que o trabalho de lidar com hortas é tarefa 90,8% das mulheres, de cuidar de animais de pequeno porte envolve o trabalho de 87,9% das mulheres”.

Como demonstra a figura 4, não somente a estas atividades, mas são as camponesas que estão mais ligadas à produção doméstica e quem têm um vasto conhecimento quando se trata de hortas.

Figura 4 – Mulheres no transplante de mudas de cebolinha no Assentamento Onacílio Barros.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Neste sentido, pode se observar que já se encontram mulheres que não se detêm somente a cuidar da casa, dos animais domésticos ou hortas domésticas, não desconsiderando a importância das mulheres que estão mais ligadas nas realizações destes trabalhos. No Assentamento Onacílio Barros, há exemplos de mulheres que vão para a lavoura seja, capina de mandioca de feijão entre outros produção, debatem nas reuniões e são elas que mais saem a vender os produtos, tendo em vista que no assentamento, poucas famílias comercializam sua produção, ou seja, produzem em grande maioria, somente para o autoconsumo. Entretanto, por mais que são poucas as famílias que comercializam esses produtos e não em grande escala, “[...] a comercialização da produção camponesa [...] é um fundamental para aumentar a produção de alimentos saudáveis e fazê-los chegar a todos”. (GÖRGEN, 2017, p. 462). Como descreve o relato da Entrevistada E (2018):

Eu crio galinhas caipiras e poedeiras mais para o consumo, mais têm galinhas que eu mato e levo para cidade e vendo para as pessoas que encomendam, vendo tratado entorno de trinta e cinco reais, ou quarenta reais dependendo do tamanho da galinha. Vendo queijo que eu mesmo produzo, custa em torno de seis reais [o quilo]. Eu vou para a lavoura com meu marido, capino, planto e não tenho medo de trabalhar.

De acordo com Daron (2008, p. 227), o trabalho que as camponesas “desenvolvem na produção e no sustento da família também não é conhecido e fica ocultado na agricultura”. Mas aos poucos são reconhecidas e admiradas, o que na verdade se torna uma vergonha para a maioria da sociedade que somente agora vê o tamanho do valor que a mulher representa, seja ela do campo ou da cidade. Mas estas vem ganhando força e mostrando que são capazes e independente.

Diversos trabalhos vêm sendo realizados a respeito da importância que a mulher representa na agricultura e demonstrando a diversas formas de empoderamento que estas vem construindo diante das ações de machismo e patriarcado na sociedade, apesar de que hoje vem-se construído com mais intensidade um debate muito grande a respeito deste assunto.

Essas relações entre a família, entre a comunidade e principalmente com a natureza, pode-se considerar como fatores mais importantes do modo de agricultura no qual está estabelecido no Assentamento Onalício Barros.

São nestes raciocínios que todos os entrevistados tiveram as mesmas percepções sobre a importância da agricultura camponesa para as famílias dos assentamentos, sendo destacado nos seguintes apontamentos:

- a) As famílias têm controle na organização da produção, sendo ela quem executa o trabalho no sistema de produção e distribui a mão de obra disponível conforme a família;
- b) Constatou-se pelas declarações durante a pesquisa, que o bem-estar das famílias se reflete no orgulho da produção de alimentos saudáveis e ao ver o fruto do seu próprio esforço na mesa da casa;
- c) A produção é diversificada e de qualidade, diferente do sistema de produção do monocultivo;
- d) As sementes em suas maiorias são provindas de trocas e doações, ou até mesmo cultivadas por essas famílias há gerações;
- e) O excedente da produção para o autoconsumo, que é comercializado, apresenta a mesma qualidade do alimento consumido pelas famílias;
- f) Mesmo não sendo a principal fonte de renda da maior parte das famílias, o excedente da produção de alimentos para o autoconsumo tem uma contribuição importante para a renda familiar dos assentados.

Foi observado que as famílias entrevistadas, apresentaram trajetórias de vidas semelhantes, com histórias de luta por sobrevivência, dificuldades, conquistas, aprendizagens, que hoje é expressada na diversidade encontrada em cada unidade de produção camponesa do assentamento. Essa diversidade se expressa, em diferentes proporções, na criação animal, na produção do arroz, feijão, milho, abóbora, mandioca, etc. O Quadro 2 mostra as espécies de plantas cultivadas e criações de animais, conforme as localidades e vicinais.

Quadro 2 - Produção animal e vegetal por vicinal com maior utilização no assentamento

Vicinal	Famílias	Produção vegetal	Produção animal
1	Família (A)	Mandioca, abóbora,	Galinha, galinha da
	Família (B)	melancia, feijão, arroz,	angola, peru, pato;
	Família (C)	milho, maxixe, quiabo	bovinos, suínos,
	Família (D)		caprinos, equinos
	Família (E)		
2	Família (F)	Mandioca, abóbora,	Galinha, galinha da
	Família (G)	feijão, milho, maxixe,	angola, pato, peru,
	Família (H)	quiabo	bovinos, suínos, equinos
3	Família (I)	Mandioca, abóbora,	Galinha, galinha da
	Família (J)	melancia, feijão, arroz,	angola, pato, codorna;
	Família (K)	milho, abacaxi, jiló,	bovinos, suínos,
	Família (L)	maxixe	equinos
	Família (M)		

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Esta produção é destinada para o autoconsumo das famílias e parte da renda a partir do excedente proveniente das relações destas famílias. Assim, os alimentos se apresentam com grande diversidade na mesa dos camponeses e camponesas e do consumidor que compra os excedentes destes. Neste sentido, afirma Gørgen (2017, p. 462), que “a produção de alimento no Brasil em 70% tem origem camponesa, [...] estes como tal devem ser reconhecidos”. “Essa é a forma mais clara de demonstrar a

importância que camponês e camponesa representa para a sociedade, seja na produção diversificada, na qualidade e as relações embutidas”. (ENTREVISTADA E, 2018). “Clientela sempre elogiam a qualidade dos meus produtos (Queijo), o que mais esperta curiosidade neles é o sabor, que se diferencia do sabor dos produtos encontrados no mercado”. (ENTREVISTADA I, 2018). Por tanto para agricultores a agricultora camponesa “permite construir ótimas relações com os consumidores e tudo começa com a forma saudável de produzir”. (ENTREVISTADO M, 2018).

5.2 MONOCULTURA NO ENTORNO DO ASSENTAMENTO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Bispo e Oliveira (2016, p. 36) em seu trabalho expõem que nas áreas tomadas pelo sistema de produção do agronegócio causam efeitos devastadores com modernização do meio ambiente e provocando uma intensificação das desigualdades sociais, sobretudo na zona rural. Causando a saída dos agricultores do campo gerando desempregos pela intensificação da mecanização na agricultura ou empregos com salário baixíssimo que não dignificam a mão de obra. Os autores ressaltam ainda que “Não podemos esquecer os impactos ambientais gerados por modelo de desenvolvimento cujas consequências comprometem os ecossistemas e os próprios trabalhadores”.

Nestes raciocínios, para Machado e Machado Filho (2014, p. 77) “A expansão da fronteira agrícola, com destruição do bioma original, agredindo-o e transformando-o em monoculturas – de grãos [...] representam uma agressão ao meio ambiente”. Ressalta Carvalho e Costa (2012, p. 28) “como o objetivo central das escolhas na empresa capitalista é a máxima lucratividade possível, a artificialização da agricultura tem sido o caminho entendido como o mais eficiente”. São situação que estar presente na produção vegetal o exemplo mais comum, de acordo com Machado e Machado Filho (2014) entre outros monocultivos, o do milho e da soja vem provocando uma destruição em diversos biomas do país, e isso não é visto pelos órgãos governamentais pois não entra nos seus interesses.

O assunto que foi mais apontado, se dá envolto do desmatamento desenfreado, que por consequência vem causando grande perda da biodiversidade. O cerrado por suas condições climáticas e morfológicas tem sido grandemente afetado ocorrendo

grande modificação em algumas áreas deste Bioma, “é impactante ver como tudo se transformou em monocultivo.” (ENTREVISTADO I, 2018). Neste sentido completa a entrevistada B (2018) que com o desmatamento tem desaparecido muitas espécies de plantas que estão associadas ao dia a dia das famílias como medicinais, “plantas que eram utilizadas para fins medicinais, muitas delas dificilmente são encontradas, quantas espécies destruídas com o desmatamento, como exemplo o olho de copaíba.” (ENTREVISTADO L, 2018).

Segundo o entrevistado M o sistema de produção de monocultivo nestes contextos nos remete a interpretá-lo como sistema ultrapassado de uma grande dependência de condições desastrosas que violam todas as relações do humano com a natureza, “o que é muito preocupante em relação a conservação do meio ambiente”. (ENTREVISTADO L, 2018); por outro lado a agricultura camponesa reforça estas relações.

Para os entrevistados (as) F, M, e K tem sido surpreendente como lavouras as monoculturas têm avançado sobre as áreas aos redores do assentamento, “caracterizada por terras planas, talvez seja esse um dos maiores motivos destas lavouras ter se espalhado na região. (ENTREVISTADO C, 2018).

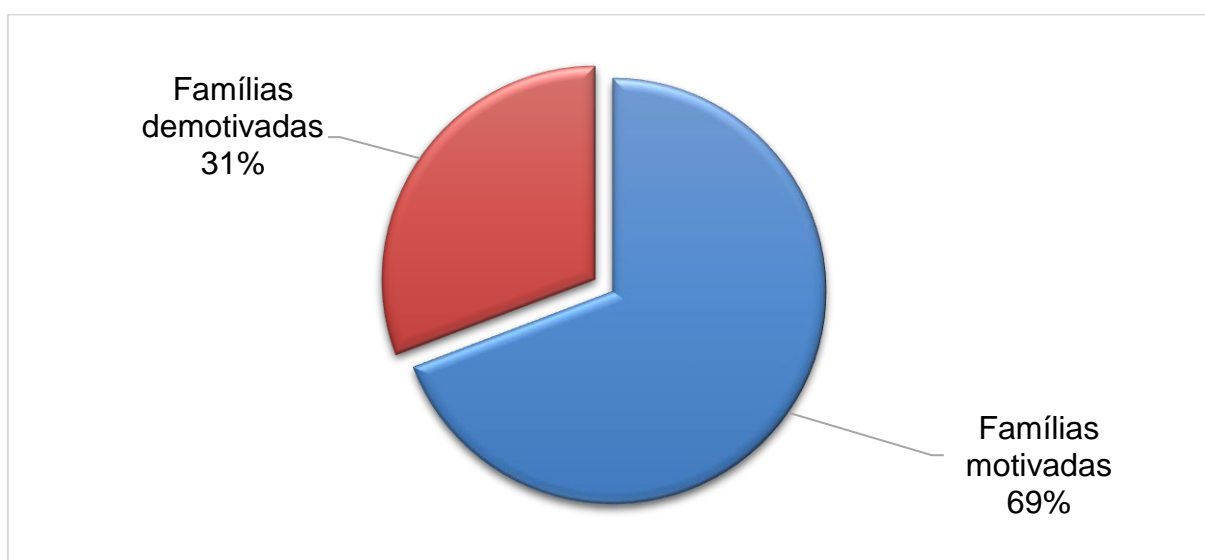
Portanto, afirma Bispo e Oliveira, (2016, p. 36) “[...] a modernização da agricultura avança sobre as áreas mais planas do cerrado, [...] que acaba destruindo as nascentes e matas ciliares próximas aos rios e torna homogênea as paisagens do cerrado com monoculturas”. É visível a percepção dos camponeses em relação ao avanço da monocultura, e a forma como estas vem consumindo a diversidade, e por consequência o assentamento se tornando uma ilha no meio do monocultivo. “Antes se trabalhavam com bovinos de corte mesmo que em grandes fazendas e não se desmatavam absurdamente para aumentar as áreas”. (ENTREVISTADO J, 2018).

Como coloca Conti e Peralta (2008, p.26) “[...] vem aumentando a concentração de terras no Brasil e na América Latina nas mãos de grupos econômicos nacionais e de empresas multinacionais”. Por consequência da destruição da diversidade e as consequências do grande uso agrotóxicos nestas lavouras de monocultura, algumas famílias se tornam vulnerável ao suborno sobre a compra de terras que devido ao uso contínuo, mais áreas tornam-se necessário, para se obter maior produtividade.

Segundo os entrevistados (as) E, G e B houve em vários momentos em que foram informados pelos próprios representantes das fazendas sobre a compra de

terras. “O próprio dono da fazenda frete a frete disse que estas terras nossas seriam compradas por eles e fariam em breve uma ótima proposta, fiquei assustado com isso”. (ENTREVISTADO B, 2018). “O preocupante é que alguns companheiros tem a ideia de vender suas terras, e fico imaginado o que se passa na mente destes, mas não os compreendo” (ENTREVISTADO I, 2018). Nestes raciocínios, quatro famílias dos entrevistados o que representam 31% dos entrevistados, sentem-se desmotivadas a produção em suas terras como representa o gráfico 1.

Gráfico 2 - Porcentagem de famílias que se sentem motivadas e desmotivadas com a vida na terra.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Segundo os entrevistados, as consequências que as levaram a desmotivarem da produção se explicam por meio das consequências que vem se apresentando a respeito da vida social, e o avanço das monoculturas de soja e de milho tem reforçam estas perspectivas, em que os principais argumentos na visão deste expressa-se pela:

- a) Falta de sucessão familiar; que influencia diretamente;
- b) A necessidade de mão de obra;
- c) As pessoas que estão ficando no campo são de idade avançada tornando-se dificultoso a realização do trabalho na propriedade, que influencia também,

d) Na saúde dos assentados, pela distância das cidades, “pois na cidade você estar mais perto do supermercado, da farmácia e do hospital”. (ENTREVISTADO F, 2018).

e) “No campo hoje, está se perdendo o sentido de vida sossegada, é maquinário pesado, grandes aplicações de agrotóxicos, que mesmo a distância é incomodo, o forte cheiro no ar”. (ENTREVISTADO K, 2018).

No entanto, os entrevistados estão motivados a continuar na produção de alimentos saudáveis, expõem argumentos e alternativas que são necessárias e podem ser realizadas com a colaboração dos representantes do assentamento e órgãos municipais, neste contexto as propriedades têm como:

a) As unidades de produção representam na história das famílias uma conquista sobre os tempos de lutas que levaram até ali;

b) Onde o trabalho é em sua maioria familiar;

c) A produção não estar ligada a um sistema de produção intensivo.

d) São encontradas formas de trabalho com cooperações, solidariedades que são construídas no assentamento, formas de trabalho que não se encontra na cidade.

e) “Assim como foram realizadas oficinas de controle de incêndio no assentamento, podem ser realizadas oficinas de barreira ecológicas para evitar um maior contato de com esses agrotóxicos”. (ENTREVISTADO A, 2018). “É característica marcante desse modelo de produção, o uso de agrotóxicos nas monoculturas que movimentam o mercado das transnacionais produtoras desses insumos agrícolas”. (BISPO; OLIVEIRA, 2016, p. 36).

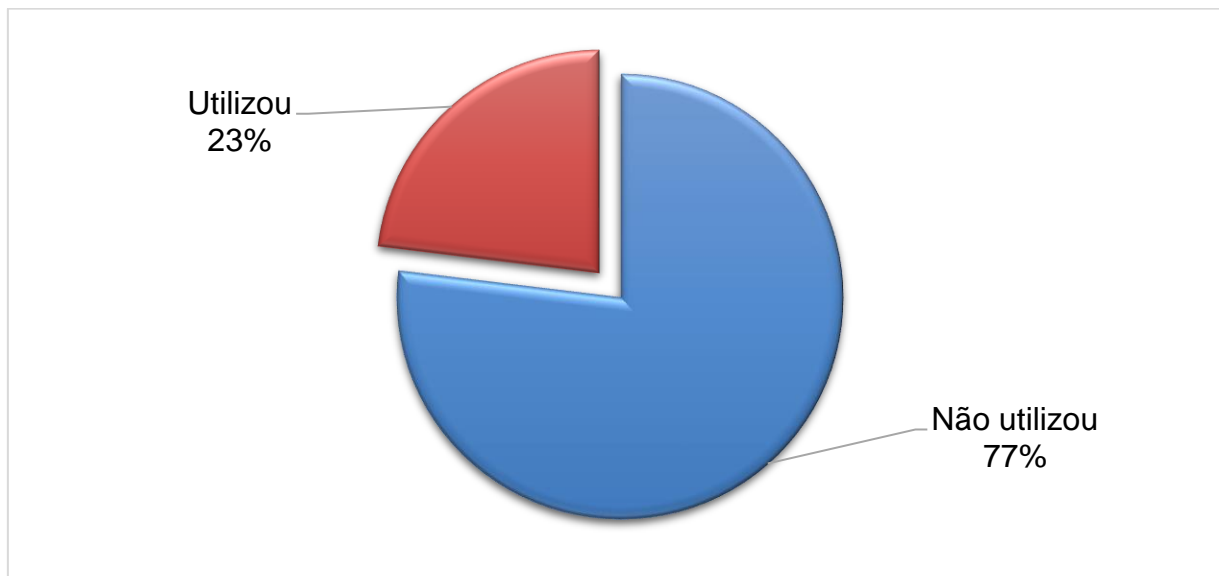
Machado e Machado Filho (2014) afirmam que os agrotóxicos não foram produzidos para serem utilizados na agricultura e sim para a guerra, como o caso do nitrato na fabricação de explosivos no final da Primeira Guerra Mundial. É neste sentido que os participantes A, B, C e D indaga que não há necessidade da utilização de produtos químicos sintéticos, neste caso os agrotóxicos, em uma produção que principalmente são utilizadas plantas de espécies diversificadas, provenientes das trocas de sementes crioulas, ou seja plantios de pequenas áreas e em sua maioria com consórcios. De acordo com os mesmos essas trocas de sementes ocorrem entre os moradores do mesmo assentamento e/ou com agricultores dos assentamentos vizinhos.

As plantas provenientes dessas sementes trazem consigo a resistência da adaptação juntamente com a história de vida dos assentados, sem a necessidade de inseticidas, já que os ataques de doenças e pragas são considerados insignificantes, estes fatos se dão pela diversificação, plantios em pequenas áreas, consorcio e rotação destas culturas, por consequência acarreta a não aplicação de agrotóxicos que tem interferência interfere na presença dos controles naturais.

Pra mim, essas lavouras de monocultura vão chegar em um ponto em que de tanto veneno não vão procurar outras alternativas de produção, ou desse jeito não vai ter lugar e condições para nós os camponeses. O vento sopra em direção a minha terra tudo o que é aplicado vai para a minha terra, toda minha pastagem morreu com aplicações de secantes, o agrônomo da fazenda veio, falaram que iam reformar a pastagem até hoje estou esperando. (ENTREVISTADO B, 2018).

Pode ser observado, que 38% dos entrevistados como representa o gráfico 2, afirma que já haviam utilizado agrotóxico para aplicações por recomendação de vizinhos em plantas consideradas inços “Já utilizei várias vezes aquele conhecido mata tudo em meu quintal para limpeza”. (ENTREVISTADO E, 2018). O produto conhecido pelos entrevistados como mata tudo é um produto Roundup, que tem como princípio ativo a substância denominada genericamente de glifosato. Este princípio ativo é utilizado em vários herbicidas de amplo espectro (atingem uma grande variedade de plantas). Torna-se um grande risco a saúde, o contato com produtos químicos sintéticos, e com a não utilização de equipamentos e este risco pode aumentar (COX,1998). “Entre os sintomas mais comuns citam-se irritação nos olhos e pele, dor de cabeça, náuseas, entorpecimento, elevação da pressão arterial e palpitações”. (COX, 2003, p.1). Cabe aqui ressaltar que as famílias que estão desmotivadas a produção, são as famílias que também já haviam antes utilizado agrotóxicos, também conhecido entre os assentados como mata tudo.

Gráfico 3 - porcentagem de famílias que utilizou algum tipo de agrotóxico.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Diante deste cenário de grandes desafios em que se encontra a população brasileira, Rigotto e Roseli (2012, p. 91) expõe que diferentes entidades entram em campanhas a favor de alimentos saudáveis, que vai impactar diretamente na saúde da população, como centro destas campanhas, entra a não utilização dos agrotóxicos no país. É neste sentido que foi unânime o depoimento de todos os entrevistados a percepção de que os agrotóxicos podem ser prejudiciais tanto na saúde vegetal e animal e humana. “Eu não utilizei mais ainda que era somente ao redor de casa, pois sei que poderia contaminar as plantas aos redores da casa, meus animais e a mim” (ENTREVISTADO M, 2018). “A consequência ambiental é o desastre que a contaminação vem produzindo em escala crescente”. (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014, p.70).

Para Rigotto e Roseli (2012, p. 91) a campanha permanente tem como objetivos:

- Construir um processo de conscientização na sociedade sobre a ameaça que representam os agrotóxicos, denunciando assim todos os seus efeitos degradantes à saúde, ao meio ambiente etc.;
- Denunciar e responsabilizar as empresas que produzem e comercializam agrotóxicos;

- Pautar na sociedade a necessidade de mudanças do atual modelo agrícola, que produz comida envenenada;
- Fazer da campanha um espaço de construção de unidade entre ambientalistas, camponeses, trabalhadores urbanos, estudantes, consumidores e todos aqueles que prezam pela produção de um alimento saudável que respeite ao meio ambiente;
- Explicitar a necessidade e o potencial que o Brasil tem de produzir alimentos diversificados e saudáveis para todos, em pleno convívio com o meio ambiente e com base em princípios agroecológicos.

Para ressaltarmos, sobre a utilização dos agrotóxicos em debates e estudos não implica somente a questionamentos ao seu respeito, mas a certeza de que suas consequência a população e o meio ambiente são desastrosas, por meio de tantas evidencia a própria Organizações das Nações Unidas (ONU) que há décadas atrás foram protagonistas da recomendação da utilização do modelo de agricultura que hoje estar implantado com grande desenvolvimento não somente no Brasil, mais em todo o mundo, indica uma avaliação diante do derreamento exagerado de agrotóxicos nas lavouras que influenciar diretamente no alimento produzido que vai para a mesa do consumidor como aborda Machado e Machado Filho (2014).

5.3 ATIVIDADES QUE COOPERAM PARA IMPORTANCIA DA AGRICULTURA CAMPONESA

A partir de declarações, foi observado algumas atividades que são realizadas no cotidiano dos assentados. Atividades estas que asseguram a relações de companheirismo e solidariedade entre as famílias. Atividades que segundo Entrevistado J (2018), no início do assentamento eram realizadas com maior intensidade, após a divisão definitiva das unidades de produção pouco era realizada, mas, tem se apresentado com maiores intensidades nestes últimos seis anos.

5.3.1 Mutirões

“Os mutirões para as famílias é um fator importante que são realizados para colaborar com os companheiros na sua propriedade”. (ENTREVISTADO I, 2018). Cabe aqui acentuar que essas trocas de serviço não somente relações de trocas de mão de obra em si, o que é de suma importância para estas famílias, mas crias relações sociais, discussões políticas, estratégias de produções e trocas seja de sementes ou alimentos, ali também ocorre planejamento e acordos para novas trocas de serviços, nestes momentos a um encontro de várias famílias formando um grande coletivo. “Atividade coletiva de caráter formativo e prático que objetiva a implementação, construção, execução de atividades relacionadas à produção e infraestrutura para a produção, armazenamento e comercialização”. (GÖRGEN, 2017, p. 418).

Aqui as famílias fazem mutirões quando a uma necessidade de ajuda por exemplo, a gente se juntou para plantar na terra que recentemente tinha preparado para ser plantada, foi eu e meus filhos e a vizinha a família da minha filha que mora em uma outra propriedade formou um grupo grande de dez pessoas e foi dividido em três grupos menores para fazer as atividades pois na área seria dividida plantado três culturas: a mandioca, o feijão e o arroz. Enquanto um grupo ficava com o plantio de mandioca, o outro plantava o feijão e que sabiam mexer com a matraca plantavam o arroz, pois o seu plantio necessitava de mais cuidados para não ficar muito longe uma linha da outra e não ficar tortas as linhas de arroz. O plantio foi todo realizado com enxadas e matracas. (ENTREVISTADO C, 2018).

Foi identificado que os mutirões estão com maior presença nas atividades de capina, roçado, construções de casas de palha de coco babaçu. Um dos mutirões mais ocorrentes entres as famílias do assentamento está associado a produção vegetal por não haver utilização de grandes maquinários, como podemos observar na Figura 4.

Figura 5 – Famílias preparando uma área para plantio por meio de capina



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Nas famílias é muito comum as trocas de trabalhos, que eleva as relações entre as famílias a um patamar de conforto, por contribuir com os companheiros e tendo a certeza de que estes devolvem em momentos de necessidades.

5.3.2 Troca de serviço entre vizinhos

Observou também que o as trocas de serviços no assentamento, se apresenta em grande potencialidade entre vizinhos estes se apresentam com mais intensidade que os mutirões, se expressando no abate de animais para consumo familiar, na limpeza e reforma de cercas, nos processos de produção da farinha de mandioca entre outras. “No roçado, e no processo de produção da farinha de mandioca, nesta nossa vicinal é muito comum a gente fazer trocas de serviço”. (ENTREVISTADO, A, 2018).

Outro exemplo que tem se encarado pelas famílias como trocas de serviço e solidariedade, mais precisamente nas vicinais por meio de afinidade entre vizinhos, tem sido o empréstimo de pastagens: alguns lotes possuem áreas de pastagem maiores e mais abundancia em água. Estas famílias com maior área de pastagem não

possui uma grande quantidade de bovinos, e isso se dá por não haver na família uma quantidade de mão de obra, suficiente para que possam utilizar por inteira a área disponível de pastagem com maior quantidade de criação de bovinos. Outro fator que leva estas famílias a fazer esse empréstimo como forma de solidariedade, se justifica, pela família não se deter somente na criação de bovinos, mas também na criação de aves, suínos e pequenas áreas de lavouras para autoconsumo como foi mencionado antes.

Por outro lado, o vizinho que utiliza estas pastagens não é um grande proprietário de bovinos. Mas, por ser em sua unidade de produção menor em área de pastagem ou áreas que mais sofrem nas épocas críticas pela falta de água se tem a necessidade de encontrar outras alternativas para manter seu rebanho de bovinos. A alternativa em que as famílias encontraram foram, o empréstimo de áreas de pastagens por curto período. Empréstimo de pastagem ocorre em épocas críticas o que é comum acontecer todos os anos.

A época crítica se dá nos meses de verão onde a região ficar em torno de quatro a três meses de seca. No início do mês de julho ao final de setembro é o período de seca onde a uma baixa das águas e lagos são descobertos (ROCHA, 2018). À uma redução de pastagem e as águas diminuem, em alguns casos no assentamento, as represas se reduzem em lama ou secam por completas, os animais ficam passando necessidades de alimentação e água. Então para não haver perda do rebanho, alternativa que muitas famílias encontraram foi o empréstimo de parte das pastagens para vizinhos. Ocorre o empréstimo por meio de acordo entre as partes, com contribuição das famílias que vai utilizar a pastagem, para manutenção das cercas, custos com energia utilizada no bombeamento de água aos piquetes em que se encontra os bebedouros. “O valor estar muito abaixo do que muitos arrendam na região que gira em torno de 25 0 30 reais”. (ENTREVISTADO, F, 2018).

Quando nós fazemos essas trocas de pastagens, é por causa dos animais que sofrem, então o valor que são realizados nos acordos gira em torno de 10 a 15 por cabeça, este é aplicado nas manutenções das cercas ou para energia que é utilizada na bomba do poço. (ENTREVISTADO, C, 2018).

Nestas condições, foi compreendido que o empréstimo da área de pastagens é importante, por se tornar uma forma de solidariedade entre os camponeses nas

épocas críticas. Por tanto, estas atividades além de solidariedade, se tornou uma estratégia na criação de bovinos, para escapar das secas, contribuindo para relações que aproxima os camponeses do assentamento.

5.3.3 Grupo de horta comunitária

Os entrevistados I, J participam de um grupo que iniciam um projeto de mandala com aviário. O projeto, até então, tem três famílias envolvidas, como demonstra a figura 6. Com intuito de fazer uma horta modelo, para incentivar outras famílias do assentamento a participar deste projeto com os recursos disponíveis no próprio assentamento. O projeto mandala com aviário teve início no mês de março de 2017, e se localiza na área comunitária de 10 hectares onde se mantem a sede do assentamento.

Figura 6 – Famílias do grupo de Horticultura



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Uma parte desta área foi utilizada para o plantio de melancia para teste do cultivo, ainda que as famílias tenha começado por conta própria, desde então houve uma assistência técnica, de forma que orientasse e construísse com as mesmas, com realização de oficinas que auxiliasse este no modo de produção que se

faz necessário como manejo de coberturas do solo, controle de pragas e doenças como pode ser observado na figura 6, o solo estar sendo utilizado de forma inadequada totalmente descoberto. Como aborda Machado e Machado Filho (2014, p. 289), a cobertura do solo tem uma grande importância na vida do solo, pois os organismos que fazem parte da vida do solo para se nutrir e viver a partir da matéria orgânica em seu estado natural.

Primeiramente a horta mandala tem como objetivo a produção para a autoconsumo com perspectiva futura de comercialização segundo a (ENTREVISTADA H, 2018). Os primeiros testes de produção ao ver das famílias foram satisfatórios, onde foram comercializados 4.100 kg para o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA), mais conhecido pelos assentados como Compra Direta.

O exemplo deste grupo de Horta comunitária, possibilitou observar que as estas famílias que fazem parte deste grupo, não somente dispostas a questão da produção de alimentos saudáveis, o que é muito importante. Mas também, criando alternativas para impulsionar as demais famílias do assentamento a ter participação deste projeto possibilitando a partir da produção relações, elevam a interação entre as famílias do assentamento e os trabalhos entre estas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que o avanço do monocultivo tem desmotivado uma parte destes camponeses na produção, mas a maioria dos entrevistados segue motivado na produção de alimento como antes faziam, mesmo que a destruição ambiental e os tenha abalados. Por outro lado, a maioria das famílias encontrava-se mais motivada com as atividades de produção de alimentos.

O estudo também permitiu concluir que há uma grande importância no modo de produção de agricultura camponesa para o assentamento, pois estar inteiramente ligado ao conhecimento e práticas do qual as famílias estão adaptadas, sendo a forma no qual se organiza socialmente e culturalmente, ligada a produção de qualidade e diversificação desta produção.

O estudo mostrou um ponto positivo, no qual tem suma importância que afeta o modo de produção do assentamento e a qualidade do alimento das famílias que ali habitam, sendo este ponto positivo a não utilização de produtos químicos para o controle de pragas e doenças na propriedade.

Outro ponto positivo encontrado nesta pesquisa, está relacionado com a conscientização dos agricultores em relação ao uso de agrotóxicos mesmo que a monocultura com a barganha de agrotóxicos na região, as famílias assentadas têm total consciência e repúdio à utilização dos agrotóxicos utilizados nas lavouras aos redores do assentamento do assentamento.

A agricultura camponesa é agente importante no campo para conservar as tradições culturais, sociais e políticas das relações de produção. A interação entre o homem e a natureza, que estão se perdendo a partir do momento em que houve a introdução do modelo de monocultivo na agricultura, é fundamental para o desenvolvimento agrícola de forma sustentável.

Considerando somente a economia local, a agricultura camponesa tem uma participação que chega a ser incontestável de forma que contribui com uma gama de alimentos de excelente qualidade, sem que haja agressão ao meio ambiente.

Cabe ressaltar a importância da implantação de sistemas de produção agroecológicos reforçando a boa qualidade dos alimentos e preservação do meio ambiente, assim como reforça as relações entre os camponeses envolvidos, e deles com mãe natureza. Com princípios agroecológicos tornam possíveis a preservação

das nascentes, como a preservação do Bioma com sua vasta diversidade que em certas épocas do ano as famílias fazem a extração de frutas nativas, que as queimadas e o desmatamento têm extinguido ao longo da introdução do monocultivo bioma seria um tema também a ser estudado na região.

Esta pesquisa traz consigo o intuito de servir de base de estudo para os jovens filhos de agricultores e interessados a estudar as condições em que os camponeses vivem hoje. Desta maneira, construir indicadores que se consiga aprofundar nas relações, motivando as organizações para fortalecer o modo de produção camponês no assentamento.

REFERÊNCIAS

BISPO, Marciléia. Oliveira.; OLIVEIRA, Sandra de Fátima. Difusão do agronegócio e as dinâmicas territoriais no cerrado, Vale do Javaés – Tocantins. **ENTRE LUGARES**, MS, ano 6, n.12, 1. 2016, p. 28 - 40.

CARVALHO, Horacio Martins; COSTA, Francisco de Assis. Agricultura camponesa. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALETEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012, p. 108 -111

CORRÊA, Devid Sivaldo da Silva; FERREIRA, Rosivaldo Galvão. Movimentos sociais e agroecologia na Amazônia: um estudo de caso sobre o assentamento Paulo Fontelles na ilha do mosqueiro em Belém-PA. In: I CONGRESSO NACIONAL DE GEOGRAFIA FÍSICA, 2017, Campinas. Os desafios da Geografia Física na Fronteira do Conhecimento, Campinas, 2017, p. 7342- 7346.

CONTI, Irio Luiz; PERALTA, Jorge Alfredo G. Agricultura familiar e agronegócio: dilemas e perspectivas. In: MAGRI, Cledir Assisio; CONTI, Irio Luiz (Org). **Agricultura familiar: alternativa em construção**. Passo Fundo: Instituto superior de filosofia berthier, 2008. - (coleção Práxis 7) p. 181. Cap. 1, p. 23-48.

COX, Caroline. Journal of Pesticide Reform/Fall 1998- vol. 18, no. 3 **Northeast Coalition for Alternatives to Pesticides**, Tradução: Nicoleta T.N. Sabetzki / Estação Experimental de Itajaí-Epagri 13 de outubro de 2003.

COLLET, Zenaide; CIMA, Justina Inês. Produção de autossustento, quintais produtivos na agricultura familiar e camponesa: o papel historicamente desempenhado pelas mulheres. In: BONI, Valdete; MARQUES, Siomara Aparecida; MOHR, Naira Estela; BASTIANI, Tânia Mara (Org). **Organização Produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica**. Tubarão: Ed. Copiart, 2015. Módulo I, p. 37-54.

DARON, Vanderléia Laodete Pulga. A luta e resistência das mulheres camponesas no RS. In: TEDESCO, João Carlos; CARINI, Joel João (Org). **Conflitos agrários no norte gaúcho 1980-2008**. Porto Alegre – RS. 2008, p. 225-250.

Fina, Bruna Gardenal; Monteiro, Reinaldo. Análise da estrutura arbustivo-arbórea de uma área de Cerrado sensu stricto, município de Aquidauana-Mato Grosso do Sul. **Revista Árvore**, Viçosa-MG, v.37, n.4, p.577-585, 2013.

GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio. TRINCHEIRAS DA RESISTÊNCIA CAMPONESA: Sob o pacto de poder do agronegócio. Candiota-RS: Instituto Cultural Padre Josimo, 20017, p. 616.

IBGE. **Município de Caseara**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/caseara/historico>>, 2017. Acesso em: 18 de outubro de 2018.

IBGE. **Caseara Tocantins - TO** Disponível em: [<biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/tocantins/caseara.pdf>](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/tocantins/caseara.pdf), 2017. Acesso em: 18 de outubro de 2018.

JAHN, Elisiane De Fátima; CONTE, Isaura Isabel. Agricultura familiar e camponesa: a questão de gênero na organização da produção. In: BONI, Valdete; MARQUES, Siomara Aparecida; MOHR, Naira Estela; BASTIANI, Tânia Mara (Org). **Organização Produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo á pratica agroecológica**. Tubarão: Ed. Copiart, 2015. Módulo I, p. 15-33.

LEITE, Sergio Pereira. Assentamento Rural. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALETEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012, p. 108 -111.

MACHADO, Luiz Pinheiro.; MACHADO FILHO, Luiz Carlos Pinheiro. O processo. In: MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro; FILHO, Luiz Pinheiro Machado (Org). **Dialética da agroecologia: contribuição para um mundo sem veneno**. São Paulo: Expressão Popular, 2014, p. 72-73.

MAGALHÃES, Lana. **Bioma Cerrado**. Disponível em: [<https://www.todamateria.com.br/cerrado/>](https://www.todamateria.com.br/cerrado/). Acesso em: 19 outubro 2018.

MARQUELLI, Rodrigo Pedrosa. **O desenvolvimento sustentável da agricultura no cerrado brasileiro**. (Monografia apresentada ao ISEA-FGV/ ECOBUSINESS SCHOOL como requisito para obtenção de título de Pós-Graduação), Brasília Distrito Federal – Brasília: ISEA-FGV/ ECOBUSINESS SCHOOL, 2003 64 p.

MATOS, Alan Kardec Velozo. Revolução verde, biotecnologia e tecnologias alternativas. **Cadernos da FUCAMP**, v.10, n.12, p.1-17/2010.

MARTINS, Adalberto Floriano Greco. **A Produção Ecológica de Arroz nos Assentamentos da Região Metropolitana De Porto Alegre**: apropriação do espaço geográfico como território de resistência ativa e emancipação. 2017. P 92 - 111. Tese (Programa de Pós-graduação em Geografia). – UFGRS, RS, 2017.

MEDEIROS, Leonilde Servolo; LEITE, Sergio Pereira. Agronegócio. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALETEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012, p. 79 – 85.

MONTEIRO, Denis. Agroecossistemas. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALETEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012, p. 65 – 71.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALETEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012, p. 32-39.

RIGOTTO, Raquel Maria; ROSELI, Islene Ferreira. Agrotóxicos. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALETEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012, p. 86 – 91.

ROCHA, Helione. **Prefeitura Municipal de Caseara**. Disponível em: <<http://caseara.to.gov.br/nossa-cidade/>>, 2018, Acesso em: 19 de outubro de 2018.

SANTOS, Cristina Sturmer; KRAJEVSKI, Luis Claudio. Assentamentos rurais e as modificações socioeconômicas no município de Rio Bonito do Iguaçu. **Revista NERA**, Presidente Prudente, n. 41, p. 39-61, jan.- mar. 2018.

SILVA, Luís Carlos Rodrigues Moreira. **As formas de construção das instalações alternativas para aves caipiras no assentamento Onalício Barros**. 2008, p. 41 (requisito para obtenção do segundo grau do Curso de Educação Profissional Técnico de Nível Médio em Agropecuária). EAFSL- Escola Agrotécnica Federal de São Luís. São Luís - MA Dezembro/2008, 41 p.

APÊNDICE

1) DADOS GERAIS

Nome completo:

Idade:

Estado civil:

Escolaridade:

- 1) Quanto tempo mora no assentamento?
- 2) Quais os motivos o levaram a morar no assentamento?
- 3) Você mora em agrovila ou na própria propriedade? Porque?
- 4) Como se dá a relação entre os moradores do assentamento?
- 5) Na sua propriedade a o modelo de produção (ex: diversificada ou monocultivo) porque?
- 6) Houve melhorias na sua qualidade de vida, a partir do momento em que passou a ser morador do assentamento? Quais?
- 7) Para você a forma como os moradores do assentamento produz, se enquadra em que modo de produção agrícola:
 - a) Agricultura familiar e camponesa: onde a produção em sua maioria é proveniente da diversificação com o proposito principal a subsistência e estar associado a produtos de qualidade, com comercialização do excedente.
 - b) Monocultivo: produção baseada no cultivo de apenas uma espécie de planta.
 - c) (Outros), quais:
- 8) O modo de produção escolhido tem alguma importância para as famílias do assentamento? Porque?
- 9) Já fez aplicação de alguns produtos químicos sintéticos (inseticida, Herbicida ou fungicida) na lavoura ou nos quintais? Qual?
- 10) Se utilizou ainda faz aplicação destes produtos? Porque?
- 11) A expansão destas grandes lavouras gera algum problema para o assentamento? Por que?

- 12) A forma como as grandes lavouras vem se expandindo, futuramente o assentamento pode aderir a esse modo de produção?
- 13) Com relação ao avanço das grandes lavouras de monoculturas, quais suas perspectivas para o futuro na permanência do assentamento?